

**MEMÓRIAS, LETRAMENTO LITERÁRIO E AUTOBIOGRAFIA
NO PROJETO LITERÁRIO
DE BARTOLOMEU CAMPOS QUEIRÓS**

Michelle Patrícia Paulista da Rocha (UFRN)
michellissimarn@gmail.com

Marcelo da Silva Amorim (UFRN)
marcsamorim@gmail.com

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo estudar a obra de Bartolomeu Campos de Queirós, especialmente as narrativas que tratam da infância do autor, a saber: *Índex; Por parte de pai;* e *Ler, escrever e fazer conta de cabeça*, as quais relatam fatos significativos da vida do autor. Os três livros podem ser considerados um texto único, dadas as interseções entre eles – fatos que são citados em uma das narrativas – e recuperadas em outra. A “trilogia” expõe a infância como um tempo de alegria, mas também como uma fase da vida intensamente permeada de dúvidas, temores e inquietações. Temas como folclore, tradições do interior de Minas Gerais e acontecimentos triviais do cotidiano são matéria de *Índex*, o primeiro dos três livros da série, título que alude a um ovo “falso”, costumeiramente colocado nos ninhos para incentivar a chegada de outros ovos. Assim, a narrativa funciona como um ponto de partida para a tarefa de recuperar as memórias de infância de Bartolomeu Campos Queirós e transpô-las para a escrita. Paralelamente às questões de memória, abordaremos ainda a temática do letramento literário, partindo de uma visão mais panorâmica e procurando chegar a uma descrição de como se deu a aquisição do letramento literário em Bartolomeu, destacando algumas particularidades neste percurso. Pretendemos identificar marcas em sua literatura decorrentes desse processo, como sendo a produção literária do autor fruto de experiências vividas, sobretudo no convívio do avô Joaquim, retratado em *Por parte de pai*, bem como de sua sensibilidade e vocação poética, numa necessidade quase premente de escrever para amenizar uma dor constante. Algumas dessas experiências escolares encontram lugar em *Ler, escrever e fazer conta de cabeça*. É importante considerar ainda o caráter autobiográfico presente na obra de Queirós, que culmina numa espécie de “autodidatismo” literário, tornando a sua escrita particularmente interessante e encantadora, impregnada de emoção.

Palavras-chave: Bartolomeu Campos Queirós. Letramento. Memórias. Autobiografia.

1. Introdução

“Sou frágil o suficiente para uma palavra me machucar, como sou forte o suficiente para uma palavra me ressuscitar.” (QUEIRÓS, 1995, s/p)

A obra de Bartolomeu Campos Queirós é frequentemente catalogada como literatura infantojuvenil, pois, ao longo de sua extensa e muito rica obra literária, seus títulos fazem “sucesso” entre leitores crianças e professores de língua portuguesa. Entretanto, diferentemente de ser uma escrita somente para crianças, acreditamos ser a escrita de Queirós algo que não deve ser considerada por divisões de faixa etária, visto que o conjunto de sua obra dialoga com pessoas de todas as idades. Em se tratando de escrita memorialística, elencamos algo em torno de oito volumes de latente teor autobiográfico, a saber: *Ciganos*, *Indez*, *Por parte de pai*, *Ler, escrever e fazer conta de cabeça*, *O olho de vidro do meu avô*, *Antes do depois*, *Vermelho amargo* – único livro de Queirós catalogado como literatura brasileira – e *O fio da palavra* (publicado postumamente).

Contudo, neste trabalho, elegemos o conjunto *Indez*, *Por parte de pai* e *Ler, escrever e fazer conta de cabeça* como *corpus* exemplar da escrita de memórias de Bartolomeu Campos Queirós. Afirmamos que os três volumes constituem uma trilogia a que nos referimos como projeto de escrita memorialista, visto que as três narrativas não trazem, absolutamente, a pretensão de relatar fatos em continuidade. Defendemos, contudo, a noção de contiguidade, uma vez que vários acontecimentos se fazem comuns nas três obras.

Após nos determos continuamente na leitura das narrativas memorialistas de Queirós, temos a sensação de que a sua escrita cumpre uma tentativa de colocar “muros” nos muitos excessos de sua infância – dor, medo, incertezas, silêncios, ausências – ao mesmo instante em que, de forma paradoxal, esta mesma escrita atua como terreno fértil para metáforas e arranjos linguísticos de beleza e esmero no trato com as palavras. A seguir apresentamos, de maneira resumida, os três títulos objetos do nosso estudo:

1) *Indez* – publicado pela primeira vez em 1985 pela Editora Miguilim, é o primeiro exercício de recordação escrita de Bartolomeu. O título refere-se a uma espécie de ovo “falso”, cuidadosa e criteriosamente disposto em um ninho com a missão de estimular a chegada de outros ovos, inaugurando um trabalho de revisitação das lembranças de infância do autor e a

transposição destas para um encorpado e intrigante projeto de escrita literário. O protagonista da história atende pelo pseudônimo (mais tarde tomamos conhecimento disto) de Antônio, que tem sua primeira infância contada por um narrador onisciente que não apenas se limita a expor o enredo, mas também a opinar e a narrar estados de espírito e pensamentos do menino Antônio. *Indez* pode ser lido ainda como uma celebração da infância simples do interior de Minas Gerais.

2) *Por parte de pai* – publicado em 1995 pela Editora RHJ, dá continuidade ao projeto de escrita das memórias de infância, enfatizando a época em que Antônio vivera na cidade de Pitangui/MG em casa dos avós paternos, Joaquim e Maria Queirós. A paixão do avô pela escrita, o seu hábito quase religioso de escrever, nas paredes da casa, todo e qualquer acontecimento da cidade e o amor silencioso entre o neto e o avô são matérias principais de *Por parte de pai*. Os gestos lentos de S. Queirós, bem como sua constante atitude contemplativa perante a janela de sua casa, a olhar para a rua e seus transeuntes, as histórias de assombração de sua avó e o crescimento de um medo aparentemente inexplicável são também componentes desta bela narrativa memorialística.

3) *Ler, escrever e fazer conta de cabeça* – publicado inicialmente em 1996 pela Editora Miguilim, tem como assunto principal o relato das primeiras experiências escolares, desde a ansiedade de um menino frente ao mistério do que seria o ambiente escolar, a confecção do uniforme e o esmero com que a mãe cuidava dele, até a merenda, as brincadeiras e a relação afetuosa com a primeira professora. Embora a escola tome o maior tempo dos relatos, é neste volume da trilogia que “assistimos” ao relato da morte da mãe. Este acontecimento marcaria fortemente a vida de Bartolomeu Campos Queirós, chegando ele a confessar que sua literatura tem muito da presença materna, como uma tentativa de aplacar uma dor que não passa nunca. O projeto de escrita literária de Bartolomeu Campos Queirós parece buscar o preenchimento de um vazio interior, fomentado pela morte prematura da mãe, aos trinta e três anos, quando Queirós ainda vivia a primeira infância, aos seis anos.

Os três livros podem ser considerados um texto único, dadas as interseções entre eles – fatos que são citados em uma das narrativas – e recuperadas em outra. A “trilogia” expõe a infância como um tempo de alegria, mas também como uma fase da vida intensamente permeada de dúvidas, temores e inquietações.

Temas como folclore, tradições do interior de Minas Gerais (principalmente as cidades de Pará de Minas, Papagaio e Pitangui) e acontecimentos triviais do cotidiano são matéria de *Indez*, o primeiro dos três livros da série, título que alude a um ovo “falso”, costumeiramente colocado nos ninhos para incentivar a chegada de outros ovos. Nesta “etapa”, Bartolomeu Campos Queirós ocupa-se de fazer um retrato de sua infância, os primeiros anos de vida, a convivência com os pais, a alegria da mãe e seu amor expresso em cuidados cotidianos. Escolhe esconder-se sob o pseudônimo de Antônio, um menino nascido prematuramente, assim como prematura seria a morte de sua mãe. Os episódios que preenchem as páginas de *Indez* são todos de ordem familiar, íntima. Simpatias, remédios caseiros, comidinhas tradicionais, batizados, brincadeiras ajudam a construir o enredo desta narrativa que parece abrir caminho para as demais, visto que é algo como um “ponto de partida” para a escrita autobiográfica do autor. Assim, a narrativa cumpriria a missão de dar início ao trabalho de recuperar as memórias de infância de Bartolomeu Campos Queirós, transpondo-as para a escrita.

2. Memórias e autobiografia na escrita queirosiana: dor, beleza e coragem

**O tempo amarrota a lembrança e subverte a ordem.
(Bartolomeu Campos Queirós)**

Falar de memória não é tarefa das mais fáceis. Comumente tratada como sinônimo de recordação ou lembrança, é vasto o número de conceitos sobre o termo. De maneira simplista, apresentamos uma das (muitas) concepções sobre a palavra:

A origem da palavra remete à mitologia greco-romana, mais precisamente à deusa Mnemósine, personificação da memória ou lembrança, filha do Céu e da Terra, irmã de Cronos – o deus que preside o tempo – e mãe das Musas, que com ela regiam as artes e todas as formas de expressão, especialmente a poesia. (BRANDÃO, 2008, p. 8)

Pela etimologia da palavra, ainda que do ponto de vista mitológico, vemos que à palavra memória é atribuído um trânsito entre céu e terra, e uma associação com o elemento tempo, sendo as memórias imprescindíveis ao poético. Nesse sentido, “Tudo o que afeta nossos sentidos é reelaborado e pode ser transformado em aprendizagem e, posteriormente, em memórias” (BRANDÃO, 2008, p. 9).

Infelizmente é notório na escola brasileira o pouco “sucesso” das narrativas autobiográficas nos catálogos das editoras. Para quem vive nos espaços educacionais não é difícil perceber uma predominância da “literatura” utilitária nas listas de materiais escolares: histórias que defendem a preservação da natureza, códigos de condutas infantis – coisas do tipo “isso pode” e “isso não pode” – e outras tentativas de formatação do comportamento infantil. Não dizemos que tais leituras não sejam relevantes, mas nos assustamos com a percepção de que as narrativas memorialísticas ainda não são apreciadas em todo o seu potencial encantador.

De certa forma, Bartolomeu Campos Queirós rompe com esse invólucro que está sobre o “cânone” da literatura infanto-juvenil, visto que tem crescido o número de professores e pesquisadores interessados nas recordações da infância de Antônio, protagonista das lembranças de *Indez*, *Por parte de pai e Ler*, *escrever e fazer conta de cabeça*.

Izquierdo (2004) em *Questões sobre memória*, diz que uma lembrança remota e duradoura envolve muitos processos metabólicos, que dependem de muitas fases e pode sofrer interferências de toda ordem. É o que chamamos de memória autobiográfica, visto que não haveria memória pura, desprovida totalmente de qualquer fantasia ou imaginação. O mesmo autor defende ainda que certos acontecimentos ficam “guardados” enquanto outros são esquecidos. Mas em ambos os casos, é preciso haver algum tipo de motivação.

Pensando assim, a escrita memorialista de Bartolomeu Campos Queirós é, antes de tudo, um ato de coragem. Defendemos essa hipótese porque as lembranças resgatadas da primeira infância do autor recuperam momentos felizes, de interação com os irmãos, do convívio com a mãe e suas brincadeiras e do aconchego e da segurança proporcionados pelo pai. Mas, em igual medida, deixa escapar que Antônio era um menino extremamente inquieto por dentro, tomado de incertezas e medos; aliás, a palavra medo é repetidamente citada nas três narrativas. E, somado a esses sentimentos opressores, temos o acontecimento que marcaria a vida de Bartolomeu decisivamente: a morte da mãe, vítima de câncer, quando ele era ainda um menino de seis anos.

Não obstante a presença da dor, que quase se configura como uma personagem no relato das memórias queirosianas, o projeto de escrita memorialista de Bartolomeu Campos Queirós é tão envolvente que é possível que o leitor mais sensível se veja tomado de encantamentos pelos acontecimentos da vida de Antônio. Cenas relatadas como a relação

carinhosa e acolhedora entre o menino e primeira professora; o amor silencioso dos pais, traduzido em cuidados; a capacidade que a mãe tinha de criar brincadeiras, exercendo sua criatividade num ambiente simples, colorindo galinhas com água e anilina; a temporada em casa do avô paterno... são diversos e muito bonitos os relatos dos fatos vividos, ainda que fundidos com elementos fantasiados ou sonhados.

Philippe Lejeune (2005), em seu artigo *O pacto autobiográfico, 25 anos depois*, ocasião em que refaz algumas considerações sobre o “pacto”, afirma que, nas autobiografias, “a identidade, aqui como em toda parte, é uma escolha” (p. 72). E Bartolomeu escolheu, de início, dissociar-se de Antônio, pseudônimo dado a si próprio, em *Indez*. É de muita valia considerar o que Lejeune afirma:

Quando você lê uma autobiografia, não se deixa simplesmente levar pelo texto como no caso de um contrato de ficção ou de uma leitura simplesmente documentária, você se envolve no processo: alguém pede para ser amado, para ser julgado, e é você quem deverá fazê-lo. De outro lado, ao se comprometer a dizer a verdade sobre si mesmo, o autor o obriga a pensar na hipótese de uma reciprocidade: você estaria pronto a fazer a mesma coisa? E essa simples ideia incomoda. (LEJEUNE, 2005)

Talvez, numa atitude cautelosa, Bartolomeu Campos Queirós não decidira ainda revelar-se numa narrativa em 1ª pessoa em *Indez*. Pelo menos não na maior parte da narrativa, pois, ao final, num gesto confessional, revela ser ele e Antônio a mesma pessoa, ratificando, de maneira exemplar, o pacto autobiográfico, na concepção de Lejeune (2001), ao afirmar que “a identidade é uma escolha”. Segundo ele mesmo: “o essencial continua sendo, confesso, o pacto (autobiográfico), quaisquer que sejam as modalidades, a extensão, o objeto do discurso de verdade que se prometeu a cumprir”. (LEJEUNE, 2001)

O que Lejeune apregoa neste trecho é ratificado em *Indez*, que é predominantemente narrado em 3ª pessoa, tendo como protagonista o menino Antônio. Ao término da narrativa, o “pacto” é revelado no instante em que o discurso é reorganizado em 1ª pessoa, deixando o narrador escapar que ele e Antônio são a mesma pessoa:

Não sei quantos anos se passaram. Sei que continuo recebendo recados de Antônio sempre: nas tigelas de arroz-doce das estações rodoviárias, na água que cai do sino em dias de chuva [...].

Não há como esquecer-lo. Mesmo se tento prestar atenção ao meu trabalho, se escrevo com caneta vermelha ou azul, se passa uma formiga ou a sombra de um voo de pássaro, se olho as nuvens ou relâmpagos, se entro em cape-

las ou se passeio em parques, Antônio não me deixa. Não sei qual de nós tem mais medo ou qual de nós tem mais amor. (QUEIRÓS, 2004, p. 94-95)

O texto de Queirós instiga em nós um sentimento de ternura pelo menino da narrativa, ao passo que o descreve, com competência tamanha, de modo que tudo em Antônio nos desperta uma quase necessidade de amá-lo e nos compadeceremos com suas agruras infantis.

3. Letramento literário e familiar: o papel decisivo de Joaquim Queirós

A casa do meu avô foi o meu primeiro livro.
(Bartolomeu Campos Queirós)

Tratar de letramento pode soar repetitivo ou insuficiente, pois embora muito se tenha falado e ainda se fale sobre o assunto, não se esgotam os desdobramentos que podem resultar na distinção entre letramento e alfabetização. Não ensejamos apresentar conceito novo para o termo, senão o mais aceito, que conceitua letramento como a efetiva utilização e proficiência da escrita nas práticas sociais de um indivíduo. Como bem afirma Rildo Cosson (2006), em *Letramento literário: teoria e prática*:

A literatura é uma linguagem que compreende três tipos de aprendizagem: a aprendizagem da literatura, que consiste fundamentalmente em experienciar o mundo por meio da palavra; a aprendizagem sobre a literatura, que envolve conhecimentos de história, teoria e crítica; e a aprendizagem por meio da literatura, nesse caso os saberes e as habilidades que a prática da literatura proporciona aos seus usuários. (p. 47)

O que queremos é destacar o papel fundamental que Joaquim Queirós teve no processo de aquisição das práticas de letramento por parte de Bartolomeu Campos Queirós, notadamente favorecido por um ambiente familiar propício e também por uma sensível habilidade para ler todas as coisas: pessoas, olhares, gestos, diálogos, palavras.

É recorrente na trilogia a atitude “leitora” de Antônio: logo começou a “ler” nos adultos quais comportamentos seus resultariam em be-nesses dos pais.

Ser obediente demandava muito sacrifício. Não por natureza, mas por conveniência eu crescia obedecendo. Cumpria, de maneira exemplar, todos os deveres de filho, de aluno, de colega, sem acrescentar resmungos.

[...]

Tudo eu fazia, mesmo com sofrimento, para ser amado. E a obediência era uma condição. Mas o amor compensava tudo. (QUEIRÓS, 2004, p. 9-10)

Lia o tempo, os pequenos rituais domésticos, os “recados da natureza” e até o silêncio dos pais, que ele interpretava como amor não dito:

Era silencioso o amor. Podia-se adivinhá-lo no cuidado da mãe enxaguando as roupas nas águas de anil. Era silencioso, mas via-se o amor entre seus dedos cortando a couve, desfolhando repolhos, cristalizando figos, bordando flores de canela sobre o arroz-doce nas tigelas. (QUEIRÓS, 2004, p. 25)

Em *Por parte de pai*, somos presenteados com um dos mais belos textos da trilogia. Trata-se do período em que o menino passou em casa dos avós paternos, na vizinha Pitangui/MG. É neste livro que se reafirma a relevância de um ambiente familiar em que a leitura e a escrita encontrem lugar. A mãe de Antônio gostava de leituras literárias, mas foi por influência do avô paterno que o menino despertou o gosto pelo literário. Esse fato encontra lugar na fala de Cosson, já mencionada. Foi com a mãe e sobretudo com o avô paterno que Antônio se encantou pelo literário, culminando no escritor Bartolomeu Campos Queirós.

Sabemos que Joaquim Queirós ganhara um prêmio na loteria e comprara uma casa grande com o dinheiro recebido, além de não mais precisar trabalhar. Desde então, passou a viver debruçado na janela que dava para a estreita e comprida rua da Paciência, nome bem sugestivo para as características morosas do S. Queirós. Daquela janela, o velho contemplava e lia o cenário da pequena cidade, lendo pessoas e sinais do tempo, saudando os que passavam e sendo saudado por eles; é esse cenário, aparentemente imutável, que inspirava a escrita de S. Queirós: “Debruçado na janela meu avô espreitava a rua da Paciência, inclinada e estreita. Nascia lá em cima, entre casas miúdas e se espichava preguiçosa, morro abaixo”. (QUEIRÓS, 1995, p. 7)

As primeiras leituras de Antônio foram as narrativas que o avô imprimia nas paredes da casa. Tudo que era visto a partir da janela era transposto para as paredes-livros. E essas histórias suscitavam no menino outras histórias, num exercício de escrita criativa, a partir dos relatos do velho Queirós. Surge, muito provavelmente nessas leituras, o despertar pela palavra escrita e as múltiplas possibilidades que o texto literário nos permite, coisas rapidamente internalizadas pelo menino que mais tarde se tornaria escritor de literatura:

Todo acontecimento da cidade, da casa, da casa do vizinho, meu avô escrevia nas paredes. Quem casou, morreu, fugiu, caiu, matou, traiu, comprou, juntou, chegou, partiu. Coisas simples como a agulha perdida no buraco do assoalho, ele escrevia.

[...]

As paredes eram o caderno do meu avô. Cada quarto, cada sala, cada cômodo, uma página. (QUEIRÓS, 1995, p.10-11)

4. *Considerações finais*

Nas referidas obras, temos a infância retratada a partir de recortes no tempo, sem que se obedeça a qualquer linearidade. Não há traços de cronologia e, mesmo um leitor mais atento, terá certamente dificuldades para montar uma ordem de acontecimentos dos fatos contados. Os eventos são recuperados e transpostos para o papel sem assumir compromisso com o calendário: eles simplesmente são apresentados ao leitor. Talvez isso se deva ao fato de que as memórias contadas trazem nuances de fantasias e sonhos em meio a fatos “reais”, o que impediria uma ordem de tempo e datas. E como poderia ser diferente? As memórias recuperadas no conjunto referido parecem ser um misto de realidade e ficção, chegando, em alguns momentos, a causar dúvida quanto à exatidão dos acontecimentos, dificultando ao leitor o papel de organizar a sequência dos fatos mais significativos, como, por exemplo, a morte da mãe. Não se sabe se este fato ocorreu antes ou após a doença que deixou D. Maria Queirós (avó paterna, em cuja casa Bartolomeu Campos Queirós vivera por um tempo, para estudar) bastante debilitada, após um derrame cerebral. Mesmo uma leitura atenta dos três livros não nos permite traçar essa ordem de eventos.

Indez, Por parte de pai e Ler, escrever e fazer conta de cabeça constituem uma espécie de tecido, no qual se entrelaçam cheiros e imagens, numa composição sinestésica de aromas, paisagens, falas, cores, formando um sistema cuja tônica é a contiguidade. Os três livros não são consecutivos, mas contidos entre si, formando uma imagem poética que é o próprio pano de fundo da vida de Bartolomeu Campos Queirós. É possível ver em entrevistas – orais e escritas – que “Bartô” é todo sentimento, gentileza, polidez, emoção. Assim, todo o conjunto da obra de Bartolomeu Campos Queirós exala lembranças, memórias, fragmentos, sensações, resultando numa escrita de latente teor autobiográfico.

Pretendemos identificar marcas em sua literatura decorrentes desse processo, como sendo a produção literária de Bartolomeu Campos Queirós fruto de experiências vividas, sobretudo no convívio do avô Joaquim, bem como de sua sensibilidade e vocação poética, numa necessidade quase premente de escrever para amenizar uma dor constante. Nes-

se contexto de letramento, é importante considerar ainda o caráter autobiográfico presente na obra de Bartolomeu Campos Queirós, que culmina numa espécie de “autodidatismo” literário, o que torna a escrita do autor mineiro particularmente interessante e encantadora, impregnada de emoção, enquanto poesia que é, embora se apresente no conjunto *Indez, Por parte de pai e Ler, escrever e fazer conta de cabeça* em forma de prosa.

Todas essas questões mostradas nos desperta o desejo de estudar a obra desse grande autor que, muito legitimamente, pode ser chamado de “artesão da palavra”, tamanha é a sua habilidade para construir sentidos a partir de arranjos linguísticos que evocam poesia, sentimentos; que faz o leitor se enxergar no menino das narrativas, suscitando neste uma íntima identificação com o protagonista, visto que o personagem principal da obra de Bartolomeu Campos Queirós traz um misto de criança particular e criança universal: sentimentos que acometem o menino das obras também povoam a mente de quaisquer crianças, de quaisquer lugares. Ler Bartolomeu Campos Queirós – sua história de vida, suas memórias, angústias, descobertas e o modo como lida com tudo isso – suscita em nós comoção, pois é bem possível que surjam lágrimas ao lermos, por exemplo, a passagem em que narra a morte prematura da mãe:

Entreí de manso. Vi suas mãos afogadas sobre os panos da cama, como se não mais tivessem comando. Estavam imóveis. Lembrei-me do ferro de brasa acariciando a roupa, da colher de pau raspando o fundo do tacho, do regador fazendo chuva por sobre as hortaliças, da espuma no tanque esfregando nossas manchas, do pão repartido em seis, pela manhã. Um resto de sol morno do crepúsculo entrava pela janela sem muita luz, filtrado pela tristeza que arrastava as nuvens pelo céu, naquela hora. Insisti meu olhar sobre suas mãos e não vi as meias-luas nascendo em suas unhas.

Desandei até meu quarto e retirei o uniforme. Senti como se estivesse nascendo naquela hora, em um mundo de tarde fria onde só chorar era possível. (QUEIRÓS, 2004, p. 75-6)

Gostaríamos de pontuar que, além das categorias abordadas, há ainda muitos aspectos que carecem de investigação na obra de Queirós, o que ainda mais nos estimula a estudarmos esse escritor de literatura e poesia, que tanto encanta públicos de idades e épocas distintas, pela habilidade com que se utiliza da palavra escrita para se fazer emoção em nós.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRANDÃO, Vera Maria Antonieta Tordino. *Labirintos da memória: quem sou?* São Paulo: Paulus, 2008.

COSSON, Rildo. *Letramento literário: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2006.

IZQUIERDO, Ivan. *Questões sobre memória*. São Leopoldo: Unisinos, 2004a.

_____. *A arte de esquecer*. Cérebro, memória e esquecimento. Rio de Janeiro: Vieira & Lent, 2004b.

LEJEUNE, Philippe. *Autobiographie en France*. Paris: Armand Colin, 1998.

_____. *Le pacte autobiographique*. Paris: Seuil, 1975.

_____. *On Autobiography*. Minneapolis: UMP, 1989.

_____. Le pacte autobiographique, vingt-et-cinq ans après. In: _____. *Signes de vie*. Le pacte autobiographique. 2. Paris: Seuil, 2005, p. 11-30.

POMPOUGNAC, Jean- Claude. Relatos de aprendizagem. In: FRAISSE, Emmanuel et al. *Representações e imagens da leitura*. São Paulo: Ática, 1997. p. 1-50.

QUEIRÓS, Bartolomeu Campos. *Indez*. 12. ed. São Paulo: Global, 2004.

_____. *Por parte de pai*. Belo Horizonte: RHJ, 1995.

_____. *Ler, escrever e fazer conta de cabeça*. São Paulo: Global, 2004.